

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Pobresa!*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Religiosa: *Lourdes; Pensamentos; Uma grande graça de Nossa Senhora de Lourdes na ilha do Pico*, pelo Padre Antonio Oscar de Lacorda.—Secção Scientifica: *O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 94.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto: pelo Padre J. A. R. Junior.—Secção Administrativa do «Progresso Catholico», por S.

Gravuras: *Aldeia dos Pyrenéos; Entre palmeiras; Odio de raça.*



ALDEIA DOS PYRENÉOS

Pobreza!

La pauvreté est la poésie de la terre; à ceux qui l'épousent, comme Epictète, François d'Assise, Michel-Ange, Vincent de Paul, elle donne la vision de ce qui est lointain, le presentiment de ce qui est voilé, la gloire dans l'incorruptible lumière. Assim se exprime Emilio Ollivier em seu discurso lido na sessão annual da academia franceza; E. Ollivier, que foi o ultimo primeiro ministro do imperador Napoleão III.

A pobreza que o mundo tem por repugnante, é dita por Emilio Ollivier «a poesia da terra» e assim chama elle poeticos S. Francisco de Assis e S. Vicente de Paulo.

E porque não?

Onde está o *sancto* está o *bello*, onde está o *bom* está a *graça*, e estas condições fóram patentes no mundo nos heróes do christianismo e n'outros citados por Ollivier.

O sublime arrebatá, por isso que sua poesia lhe dá imperio. A poesia deriva do bello por essencia que é Deus; a poesia, attribuida aos homens, é-o dos talentos d'aquelles mesmos homens.

Mas quem é o senhor dos talentos, quem os distribue?...

DEUS! Jesus Christo, Nosso Redemptor. Preferindo a pobreza na sua vida de Redempção sobre a terra, foi o bastante para fazer da pobreza a poesia!

A pobreza simplifica o homem de modo a pô-lo despido em seu espirito de tudo que possa perturbá-lo nas aspirações mais altas de sua alma. Que poesia tam verdadeira! que flor tam bella do jardim onde só nascem as flores—*virtudes!*

S. Francisco de Assis, S. Vicente de Paulo, e os outros santos, pois que não houve um que não amasse a pobreza. formaram e formam o Parnaso por *excellencia*, a preciosa collecção dos primeiros amadores da pobreza e d'este modo *classicos poetas*, já que «a pobreza é a poesia na terra.»

Diz-se de Dyogenes que elle foi um poeta, por isso que se contentava com o viver dentro de uma dorna; o merito dos Santos foi muito maior pois que, em todas as circumstancias, seu apêgo à pobreza foi provado, e d'este arte manifestada sua poesia.

Que poesia maior que as do Nascimento, como Homem, do Filho de Deus n'um estabulo por amor d' *pobreza!* E a da *Fugida para o Egypto*, não em coche dourado, mas sim sobre um irracional da especie infima, como foi tambem sua entrada triumphal em Jerusalem!

A Poesia é o bello, o pintoresco, o engraçado, nas pessoas e nas cousas; a pobreza é o desprendimento de tudo

que não se conforma com a simplicidade por essencia que Deus é!

A pobreza é a riqueza, por isso que tem por si «o poder divino.» A riqueza mundana é um *precipicio*; a pobreza christã é uma *segurança*. Os pobres são na terra uns representantes de Deus, e o que representa Deus é poético por antonomasia. A *pobreza* com sua *poesia* eleva o pobre; dá-lhe a riqueza do *desprezo das riquezas*; a *pobreza voluntaria* é um dos tres conselhos evangelicos. A *pobreza* é sympathica por si mesma; a *riqueza* pôde sel-o, uma vez que seja sujeita à caução do Santo Bispo de Genebra Francisco de Salles. Os mundanos não comprehendem a poesia na *pobreza!*

A *pobreza* dá aos que a professam e a abraçam, a visão do que é longe, *quer dizer*: A ETERNIDADE! o presentimento do que está coberto por um véu aos olhos da carne! A GLORIA na incorruptivel Luz!

Estes pensamentos de Emilio Ollivier são de verdadeira philosophia e assim em paz com a Theologia.

A *pobreza* põe-nos em relações de amor com Deus, é uma fonte *mediata* por onde nos são derivados favores da fonte Immensa que é o principio eterno de todo o bem, seja na ordem dos bens temporaes ou na do bem completo e sem fim! E' uma *poesia* sem igual!

Pela *pobreza* ha uma facilidade da Bemaventurança *in aeternum*, que não ha pela *riqueza*. Diz a «Palavra Biblica» que é mais facil passar o camélo pelo fundo da agulha do que a salvação de um rico! o que não implica que o rico não possa salvar-se, e salvo será, se elle fór rico nas condições apontadas por S. Francisco de Salles, e são: «Ser rico na realidade e pobre por afeição! ou ter o desapêgo da riqueza e fazer d'esta um uso que lhe seja escada de ouro para o céu. Os ricassos, e não menos os *de hoje*, em geral buscam o terem *seu céu* em todas as commodidades e gôzos d'esta vida, não seguindo o espirito de S. Francisco de Salles. Usam, quando muito, a philanthropia, e mesmo quando esta, muitas vezes, por humanos respetos. Tristissima condição em face da Eternidade! Não têm, nem conhecem ao menos, a poesia da *pobreza*, que é a gála dos pobres, que lhes não fica na sepultura, por isso que os acompanha à Bemaventurança sem fim que o *homem* pôde conseguir, quando *elle* tem aquella *boa vontade* que os Anjos annunciaram e exigiram em Nome de Deus!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO RELIGIOSA

Lourdes

ANCEMOS um rapido volver d'olhos, sobre os grandes successos da Gruta, no anno que findou. Aquelle fecundo manancial de fé onde o tibio se fortalece e o descrente abjura seu erro perante uma realidade palpavel, fluiu continuamente n'uma impetuosidade assombrosa de milagres e de graças.

Alli se viram multidões immensas a succederem-se cada dia e cada hora (1). Cento e uma peregrinações, regularmente organisadas, conduziram deante das Rochas Massabielle cento e cinco mil peregrinos. Tres d'essas phalanges heroicas eram compostas só de homens, vindos de Bordéos, de Mende e Viviers. Alluiram de todas as partes do mundo numero incalculavel de peregrinos, isolados ou reunidos em pequenos grupos, podendo, sem exaggero, elevar-se a conta a um milhão de visitantes, entre os quaes os cento e cincoenta portuguezes convidados pela redacção da nossa *Revista*, contemplados com graças e milagres da Virgem, uns alli realizados, outros verificados após o regresso com a agua bemdicta recolhida alli (2).

N'essa interminavel procissão do genero humano distinguim-se tres principes da Egreja, os Eminentissimos Cardiaes Langenieux, arcebispo de Reims e legado da Sancta Sé, Lecot, arcebispo de Bordéos, e Bourret, bispo de Rodez.

A estes principes accresciam membros das familias reinantes da Europa, como o Grão-Duque Alexis Alexandrovitch, irmão do imperador da Russia e S. A. R. o Duque de Nemours, tio da rainha D. Amelia de Portugal. Alli peregrinaram tambem o sr. Patriarcha das Indias, arcebispo de Goa, com mais cincoenta arcebispos e bispos e grande numero de outros prelados.

Os peregrinos do mundo inteiro offereciam à Virgem de Lourdes os corações a trasbordar de amor e confiança. Eram supplicas ferventes e acções de graças que penetravam o céu, canticos cheios de enthusiasmos, cerimoniaes imponentes, inexcediveis procissões *aux flambeaux*. . . , uma festa interrupta de dia e noite.

N'este concerto de louvores dirigidos à Rainha dos céos, teve grande parte o Deus Sacramentado. Celebraram-se trinta e cinco mil missas e dis-

(1) Annales—Janvier 1891.

(2) Veja-se n'outra parte o milagre narrado pelo nosso digno Assignante Padre Antonio Oscar de Lacerda, da Ilha do Pico.

tribuiram-se tresentas e onze mil communhões!!

Pediu-se aos padres da Gruta para orarem por cento e vinte e duas mil setecentas e setenta intenções particulares, entre as quaes duas recommen-dadas por S. Sanctidade—a conversão dos povos scismaticos do Oriente e o Congresso Eucharistico de Jerusalem. A archiconfraria da Immaculada Conceição adquiriu mais tres mil oitocentos e dezeseis irmãos, e a confraria do Rosario tres mil cento e setenta.

A todas estas manifestações de amor correspondeu a Sancta Virgem com favores extraordinarios, pois vinte mil duzentas e seis acções de graças alli se elevaram a pedido dos fieis de todo o mundo, sendo, como dizem os Annaes, impossivel contar as conversões sinceras, as almas resuscitadas á graça, cujo numero só no céu é conhecido.

As curas e as graças corporaes, cuja verificação é mais exequivel, foram tambem muito numerosas. Sessenta medicos puderam reconhecer-lhes o caracter sobrenatural, como o provam noventa e um processos verbaes, levados a termo para apuramento da verdade. Algumas das curas tornaram-se admiravelmente constadas e foram por certo de incalculavel influencia em quem d'ellas teve conhecimento, apontando nós aqui por sua notavel saliencia as de Victor Arquembourg, Pascal Poirier, Alfredo Guy, da Irmã Hubertina e de Eugenia Bron.

Não é porém sómente em Lourdes que a Sancta Virgem seméa seus beneficios, pois os espalha profusamente por toda a face da terra, o que se prova pela agua miraculosa enviada para toda a parte, attingindo este anno o numero de garrafas expeditas a cento e quarenta mil cento e vinte oito!

E os fieis não se esqueceram de manifestar sua gratidão á Virgem de Lourdes, pois as seguintes offerendas (sem falar nas sommas em metal que foram avultadissimas) revelam em toda a luz as mercês feitas por Maria. Ao thesouro da Gruta, hoje talvez o mais rico do mundo, foram enviados os seguintes objectos:

- 364 placas de marmore
- 1 pluvial
- 7 casulas
- 2 dalmaticos
- 165 amictos
- 22 manustergios
- 6 palas
- 10 alvas
- 3 estolas
- 11 veus de ciborio
- 1 ciborio
- 18 toalhas
- 34 purificatorios
- 15 corporaes

- 3 tapetes
- 15 alampadas
- 4 bandeiras
- 26 quadros
- 4 jarrões
- 15 bouquets de flores artificiaes
- 18 corações
- 2 pares de dragonas
- 13 condecorações
- 9 espadas
- 6 brassaes
- 110 coroas nupciaes
- 2 grandes cirios ricamente adornados—offerenda do Summo Pontifice.
- Varios relogios e joias, com pedras preciosas.

Durante o anno findo inxcediveis festividades se realisaram n'aquelle notavel sanctuario. A de 11 de febreiro (que este anno tambem foi esplendida), anniversario da Santa Aparição, tomou um caracter de magestosa grandeza, com numeroso clero, orações incessantes dos fieis e um discurso bellissimo: do R. Vigario-Geral. Padre Théas.

O officio de Nossa Senhora de Lourdes, approved por S. Sanctidade, acha-se introduzido em 20 dioceses francezas e algumas estrangeiras: ha todas as esperanças de que este mimosissimo officio venha em breve a ser conhecido de toda a Igreja.

O Jubileu do Sancto Padre foi igualmente um triumpho para a Gruta, indo uma deputação a Roma depor aos pés do Pontifice a somma de 28:156 francos com 338:318 Missas, 476:435 Rosarios, 290:290 communhões e 479:860 diversas outras boas obras. Uma imagem da Virgem de prata massica sobre um pedestal de onix coroou o preito de Lourdes ao Venerando Pae dos fieis.

A peregrinação nacional, em agosto, com os seus mil e tantos doentes, muitos dos quaes d'alli regressaram com a saude obtida, e cem mil fieis, marcou mais um periodo nas grandes manifestações de fé, de que Lourdes ha sido theatro.

Todos estes phenomenos, estes dilu-vios de graça caidos em tôrno da Gruta miraculosa, attrahem a humanidade inteira a render alli pessoalmente ou em espirito as mais fervorosas preces, o que inspirou a cantar se:

Un souffle de grace
Pousse vers ce lieu:
Ce souffle qui passe
Est celui de Dieu.

Pensamentos

Faze n'esta hora alguma coisa pro-
veitosa.

Não demores para logo o que podes
fazer agora.

Teu principal cuidado seja destruir
a desordem que encontras em ti e em
redor de ti.

Emprega bem o quarto d'hora que
Deus te concede; se o perdes lasti-
mal-o-ás um dia.

Esforça-te por ser activo, mas não
por ser apressado.

Trabalha com placidez na presença
de Deus.

Estás triste e embaraçado? Invoca-o.
Estás inquieto? Fita na cruz os teus
olhos e prosegue em teu trabalho.

Uma grande graça de Nossa Senhora de Lourdes na ilha do Pico.

Lê-se na *Patria*:

«A Immaculada Mãe de Deus, a toda a hora, está mostrando não só em Lourdes, mas em diferentes partes da terra o seu grande poder e valimento a favor de todos os que imploram suas graças e favores.

Na ilha do Pico, acaba de se dar um facto que, salva sempre a authority e juizos da santa Igreja catholica, não pôde deixar de ser considerado como um grande milagre.

A pessoa que nol-a relata é da maior fidelidade e competencia. E' o digno e illustre cura da villa da Magdalena do Pico, que este anno fez a sua peregrinação a Lourdes.

Eis a carta que este digno sacerdote nos acaba de dirigir e de que não podemos deixar de dar conhecimento a nossos queridos leitores.

GLORIA E ETERNO AMOR E GRATIDÃO A
NOSSA SENHORA DE LOURDES

Sr. Conego Ferreira.

Bemdicta e louvada seja a Santissima e Immaculada Virgem de Lourdes, nos-
sa carinhosa Mãe!

E' sob a mais commovente impressão que escrevo esta a V... para commu-
nicar-lhe um milagre, e dos grandes, operado n'esta freguezia com a agua que trouxe da gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Anna Florencia, moradora no lugar do Outeiro, d'esta freguezia da Magdalena, soffria a 8 annos d'um cancro no nariz, que a fazia padecer horrivelmen-
te.

Não eram tanto as dores e comichões
que lhe causava a ulcera o que mais a fa-

zia penar, porque, como ella propria me disse, accetava a *flor*, que Nosso Senhor lhe permittia que soffresse, com resignação e paciencia; o que mais a penalizava, era ver que todos, ainda mesmo os seus, fugiam d'ella, e procuravam evital-a ou approximar-se d'ella por causa do mau cheiro que exalava a ulcera; era ver-se privada dos Sacramentos, que frequentava, por ver que causava incommodo ao seu confessor, e ás pessoas que estavam proximas na egreja. Este era o maior desgosto que experimentava, me disse ella. Procurou adquirir uma pequena gotta da agua que eu trouxe de Lourdes, tomou um pequeno góle da mesma, e molhou o nariz na parte affectada, pedindo ao mesmo tempo á Immaculada Virgem a graça da sua cura. Sahiu de casa, conservando a agua na bocca, por todo o tempo que poude e foi depois lavar á costa varios pannos para limpeza da sua enfermidade.

Foi então alli mesmo, na costa, que sentiu uma sensação estranha, cahindo-lhe das *fossas nasaes*, do nariz, dois bocados de *carne putrida e sangue negro* da ulcera, experimentando logo um grande allivio, e ao mesmo tempo o cheiro dos objectos que a rodeavam, o que não percebia desde muito!! Está no seu estado normal, sem sentir nada; só existem no nariz as cicatrizes da ulcera, que são os signaes ou provas da grave enfermidade que a affectou!!

Louvada seja Nossa Senhora de Lourdes!!

Medicos illustres, como os Conselheiros Manuel d'Arriaga Nunes e Manuel Francisco de Medeiros, classificando a molestia de cancerosa, julgavam-na incuravel!!

Sou com a maior estima e consideração de V...

amg.º vndr. crd.º obrg.º

Magdalena do Pico, 15—10—93.

Padre Antonio Oscar de Lacerda.º

SECÇÃO SCIENTIFICA

O diabo e as suas obras

(Continuação do n.º antecedente)

I

O INSIGNE Padre e Doutor da Egreja Sancto Agostinho, commentando um dos psalms do real propheta, nos ensina que pela fé conhecemos a existencia dos anjos e não pôde licitamente duvidar-se d'este dogma catho-

lico (1). Fazendo pois abstracção da natureza e do modo de operar dos anjos, de cuja materia adeante nos hemos de occupar, seguindo o caminho traçado pelo commum dos theologos, deveis intender que os ensinamentos que vos offerecemos se acham baseados sobre um artigo de fé, simultaneamente ensinado pelas Sagradas Escripturas e os Sanctos Padres.

Se consultarmos os livros do Velho e do Novo Testamento, a custo encontraremos algum que nos não fale dos anjos. No livro do Genesis refere Moysés a apparição d'um anjo a Agar, mandando-lhe que volte para casa de Sara, sua ama, e humildemente lhe respeite as ordens; (2) a apparição dos anjos que visitaram a Lot e o livraram do fogo que abrasou Sodoma (3). Fala-nos de outro anjo que appareceu a Abrahão ordenando-lhe da parte de Deus que sacrificasse seu filho Isaac (4). Todos conheceis a visão da mysteriosa escada de Jacob, pela qual subiam e desciam os anjos de Deus (5); a interessantissima historia do moço Tobias e a cura de seu pae, mediante uma applicação ordenada pelo archanjo S. Raphael (6).

Em summa, é geralmente sabido que uma grande parte da historia do povo de Deus está relacionada com a apparição de anjos, e isto o vemos cantado nos psalms e vaticinado nos prophetas frequente e repetidamente (7).

De igual modo se acham em o Novo Testamento, no Evangelho (8), nos Actos dos Apostolos (9), nas Epistolas de S. Paulo (10) na primeira de S. Pedro (11). No livro do Apocalypse encontram-se varias passagens a consignar esta verdade catholica, falando-se ora dos anjos bons, ora dos espiritos infernaes (12). Quem de vós ignora, por exemplo, o colloquio da Virgem Sanctissima com o Archanjo S. Gabriel, ao annunciar-lhe que era eleita para Mãe do Messias; e o que refere o Evangelho de S. Matheus ácerca do Anjo do Senhor

que appareceu a José para o esclarecer do mysterio da Incarnação?

Quem se não deleitou mil vezes na consideração dos mysterios do nascimento de Christo no presepio de Bellem, admirando a bondade de Deus que, por intermedio de seus Anjos, annuncia aos pastores a boa nova, ficando como adormecido o coração pelas harmonias do hymno sempre antigo e sempre novo, que nos ares canta o exercito numeroso da Milicia celeste — *Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade?* Quem d'entre os christãos ha que ignore o que escreve S. Marcos sobre as tentações de Jesus no deserto; o que diz S. João das apparições de anjos a Maria Magdalena e outras piedosas mulheres; a prisão de S. Pedro, de que falam os Actos dos Apostolos, e como elle foi milagrosamente posto em liberdade por ministerio de um anjo; o que nos ensina S. Paulo nas Epistolas aos Romanos e aos Colossenses sobre a existencia dos Anjos e Archanjos, dos Principados, Virtudes, Thronos, Dominações e Potestades; o que na segunda aos Corinthios, quando affirma que Satanaz se transforma em anjo de luz; e, sobretudo, as sublimes visões de S. João no livro do Apocalypse, no qual tam explicitamente e por miúdo tracta dos anjos bons e de Satanaz e mais espiritos malignos?

Assim é; de modo que negar a existencia dos anjos bons e mãos, equivale a negar todas as Sanctas Escripturas, a historia do povo escolhido e a vida inteira de Nosso Senhor Jesus Christo. Calamos aqui mui adrede os argumentos da tradição universal e constante, por termos n'outra parte occasião de admirarmos nas formosissimos e eloquentes testemunhos que hemos de adduzir.

Dando de mão a varias questões escholasticas sobre o tempo e lugar em que foram creados os anjos, e sobre o seu numero admiravel, em cujo desinvolvimento dão os theologos multiplicadas provas de seu peregrino talento e muita diligencia e cuidado pelos progressos da sciencia theologica, apenas diremos, de harmonia com o Concilio de Latrão e a Constituição *De fide catholica* do Concilio do Vaticano, que Deus, com seu poder omnipotente, desde o principio dos tempos tirou do nada as creaturas corporeas junctamente com as espirituaes, isto é, os anjos e o mundo, e depois o homem, que é como que uma substancia commum, porisso mesmo que é composto de espirito e corpo (1). D'onde, com os expositores sagrados, deduzimos que Moysés alludiu á creação d'estes soberanos espiri-

(1) Esse angelos novimus ex fide et multis apparuisse scripta legimus et tenemus, nec inde dubitare fas nobis est.

Serm. I. in psalm. CIII.

(2) Gen. XVI, 7-12.

(3) Gen. XIX, 1-2.

(4) Gen. XXII, 1-18.

(5) Gen. XXVIII, 11-13.

(6) Tob. V.

(7) Psalm. VIII, 6; XXXIV, 5-6; XC, 11; XCVI, 8; CIII, 4; Isai. XVIII, 2; Baruch. VI, 6; Dan. III, 49; Zachar. I, 9; Malaoh. II, 7; III, 1.

(8) Math. I, 20; XII, 22; XXVI, 53; Marc. I, 13; Luc. I, 26-28; II, 10; IX, 33; Joann. XX, 12. etc.

(9) Act. V, 15; VIII, 26; XII, 7-15.

(10) Rom. VIII, 38; I Corint. X, 20; II Corint. XI, 14.

(11) I Petr. I, 12.

(12) Apoc. I, 1; V, 2; IX, 20; X, 1; XIV, 6; XVI, 14, etc.

(1) Conc. Lat. cap. *Firmiter*. — Conc. Vat. Const. dog. *De fide catholica*, cap. I.

tos, quando no principio do Genesis disse que Deus creou o céu e a terra, *in principio creavit Deus cælum et terram* (1), significando pelo nome de céu, não só o céu empyreo com todos os corpos celestes, senão também todos os espiritos angelicos, como com o nome de terra não só entendemos o planeta que habitamos, mas as plantas e as aguas, as aves e os peixes, os animaes irracionaes e o homem. Quando pois o real propheta convida os céos a louvarem seu Creador mediante aquellas palavras: *Louvai ao Senhor, vós que estais no céu; louvai-o lá das alturas*, declara logo o que intende por céu com accrescentar: *Louvai-o, vós todos sois seus Anjos; louvai-o, vós que sois milicias suas* (2), em cuja passagem evidentemente se refere ás que da criação disse o historiador sagrado, segundo o confirmam as palavras que em seguida profere o mesmo propheta-rei: *Porque elle disse, e as coisas foram feitas; mandou, e tudo foi creado*, alludindo ás mesmas expressões com que Moysés explica a criação: *E disse Deus: Seja feita a luz e a luz se fez; e disse: Seja feito o firmamento; sejam feitos dois luzeiros que presidam ao dia e a noite, e assim se fez* (3). De sorte que na opinião de muitos Sanctos e Doutores, tanto que Deus creou o céu e os espiritos angelicos, creou também a terra com todos os seres que a embellezam, assistindo-lhe e como formando seu cortejo de honra os mesmos anjos, que o adoravam e bendiziam ao presenciar as maravilhas da criação, segundo as expressões de Job: *Onde estavas quando eu lançava os fundamentos da terra? Então me louvavam os astros da manhã e prerompiam em vozes de jubilo todos os filhos de Deus* (4).

Resta-nos agora, antes de occuparmos da intervenção dos anjos no curso dos acontecimentos humanos, falar sobre a origem dos que chamamos demonios ou anjos máos, em cujo intuito vamos expor summariamente a doutrina concernente á sanctificação e queda d'estas nobilissimas creaturas. Seria erro gravissimo, contrario á nossa fé, affirmar que os anjos máos são taes por sua propria natureza, como affirmaram os Manicheos e os Priscilianos. Deus não pôde ser auctor do mal; consequentemente não podia haver creado ser algum que fosse máo por sua propria natureza. Porisso é que no livro do Genesis se lê que, terminada a criação, Deus viu que todas as cousas eram boas (5).

Porém, não só, por sua mesma natureza, não são máos os que chamamos anjos máos ou demonios, senão que, na opinião do doutor angelico e o commum dos Sanctos Padres, todos os anjos, incluidos os demonios, foram creados em estado de graça sobrenatural, como destinados que eram á posse de Deus (1). No mesmo sentir disse S. João Damasceno que os anjos foram todos creados pelo Verbo de Deus e sanctificados pelo Espirito Sancto, de modo que cada um participava do esplendor da graça, na medida de sua propria dignidade e consoante a ordem e gerarchia em que fôra collocado (2).

Só pois á sua malicia deve o demonio attribuir sua espirital e eterna ruína, segundo terminantemente nos ensina o Concilio IV de Latrão (3), e eloquentemente nos testifica o Papa S. Leão quando escreve: *A fé catholica ensina que todas as creaturas por sua propria natureza são boas; porque Deus, Creador de todas, nada fez que não fosse bom. Até o proprio diabo seria bom se houvesse perseverado no estado em que o collocou o Creador: porém, como abusou de suas excelsas prerogativas e não permaneceu fiel, perdeu o summo bem, ao qual devia de estar intimamente unido, se se não convertera n'uma natureza contraria* (4).

De igual modo creou Deus ao homem em estado de innocencia, e o elevou á ordem sobrenatural por meio da graça sanctificante e justiça original, para que, correspondendo a tam soberanos dons, pudesse conseguir o premio eterno, devendo-se unicamente attribuir á infidelidade e desobediencia a sua propria ruína. Assim, também, todos os anjos foram creados innocentes e, no instante mesmo da criação, elevados ao estado de graça sanctificante, para que, mediante esta fidelidade, entrassem na posse da gloria a que estavam destinados; ou, o que vale o mesmo, foram por algum tempo collocados em estado de prova, e a fidelidade de uns ou a infidelidade dos outros decidiu da eterna bemaventurança d'aquelles e a perpetua desventura d'estes. Aqui nos ensina do modo seguinte o grande Sancto Agostinho: *De tal modo dispoz Deus a vida dos anjos e dos homens, que n'elles claramente se ha feito evidente, primeiro o que pôde o livre arbitrio d'elles, e logo o que pôde a graça e a justiça divinas. Alguns anjos, a cuja frente estava o diabo, revoltaram-se contra Deus, abru-*

sando da sua liberdade; outros, pelo contrario, com o auxilio da graça, fazendo bom uso da liberdade, permaneceram fieis, e uns e outros receberam o que de justiça mereceram (1). Os primeiros cairam do céu ao abysmo, seduzidos por Lucifer, que, em sua incomparavel suberba, levantou a bandeira de rebellião contra Deus, segundo lemos n'aquellas palavras de Isaias: *«Como caiste do céu, ó Lucifer, tu que dizias em teu coração: Escalarei o céu; sobre as estrellas de Deus levantarei meu throno... sobrepujarei a altura das nuvens; serei semelhante ao Altissimo?»* (2)» Ao inverso d'este, correspondendo á graça, os anjos bons adoraram e magnificaram o Creador, e guiados e movidos pelo Principe da Milicia celeste, S. Miguel, á voz potente de QUEM como DEUS? resistiram ás seducções de Satanaz e seus sequazes; e permaneceram fieis a Deus, conseguindo por isso o eterno galardão.

Esta foi aquella famosa batalha que se feriu no céu no principio dos tempos, á qual se refere S. João no Apocalypse: *Então houve no céu uma batalha; Miguel e seus anjos pelejavam contra o dragão; e o dragão com os seus anjos lidavam contra elle. Porém estes não prevalesceram, nem o seu logar se achou mais no céu. E foi precipitado aquelle grande dragão, aquella antiga serpente, que se chama o diabo e Satanaz, que anda enganando a todo o mundo; sim foi precipitado na terra e precipitados com elle os seus anjos* (3). Terrivel castigo foi este, fulminado contra os anjos rebeldes, e a elle se refere Jesus Christo quando para incutir a seus discipulos um grande horror á suberba, lhes diz: *Eu via cair do céu a Satanaz como um relampago* (4).

De bom grado aqui tractariamos do que constituiu essencialmente a malicia e gravidade do peccado dos anjos, e das causas e motivos por que lhes não foi por Deus concedida a graça do perdão, que tam benignamente dá e concede aos homens; considerando no entanto que não vem isso directamente ao nosso proposito, supponmos seja sufficiente declarar, no commum sentir dos Padres e Doutores, que o peccado

(1) S. Aug. lib. De correp. et grat. cap. 10 e 11.

(2) Isai. XIV, 12-14.

(3) Factum est praelium magnum in caelo: Michael et angeli ejus proliabantur cum dracone, et draco pugnabat et angeli ejus. Et non valuerunt, neque locus inventus est eorum amplius in caelo. Et projectus est draco ille magnus, serpens antiquus, qui vocatur diabolus, et Satanaz, qui seducit universum orbem; et projectus est in terra, et angeliejus cum illo missi sunt. Apoc. XIII, 7-9.

(4) Videbam satanam sicut fulgur de caelo cadentem. Luc. X, 18.

(1) Gen. I. 1.

(2) Psalm. CXLVIII, 1-5.

(3) Gen. I. 3-6; 14-15.

(4) Job. XXXVIII, 4-7.

(5) *Vidit Deus cuncta quae fecerat, et erant valde bona.* Gen. I, 31.

(1) S. Thom. I, p. q. 62 a 53; II-II q. 5 a. 1.

(2) S. Joan. Damasco. *De Fid. Ort.* lib. 2, cap. 8.

(3) Conc. Latr. IV, cap. I.

(4) S. Leo, epis ad Turrinin.



ENTRE PALMEIRAS

dos anjos rebeldes foi um gravissimo peccado de suberba, segundo claramente se colhe dos textos biblicos, que deixamos expostos, suberba que por alguns se faz consistir em não ter querido Satanaz reconhecer e louvar a Deus como auctor de sua natural excellencia, como se a tivera de sua propria virtude, e outros explicam com relação ao mysterio de Deus feito homem, o qual lhe foi revelado, oppondo-se Satanaz, por seu orgulho, a adorar e submeter-se ao Homem-Deus, declarando d'este modo o *non serviam*, não

servirei, de que fala Jeremias (1). N'isto consiste a summula das principaes verdades que nos ensina a Sagrada Theologia sobre a existencia, criação e queda dos anjos. Esta doutrina patentéa admiravelmente a omnipotencia de Deus, segundo nota Sancto Thomaz, e sua infinita sabedoria, por que por ella aprendemos que Deus, além do mundo visivel e do homem, creou essa multidão innumeravel de seres nobilissimos, os mais perfectos e

similbantes a Deus por sua natureza puramente espiritual (1) e encerra ao mesmo tempo a doutrina mais sublime para nosso espiritual proveito. Se o peccado dos anjos foi um peccado de suberba, e este é o maior dos peccados no dizer de Sancto Agostinho, pois foi bastante para converter em horrivissimos (2), claro é que devemos

(1) S. Thom. I, q. 50, art. 1.

(2) *Delictum maximum, quia ex Angelo fecit diabulum.*

(1) Jerem. II, 20.



ODIO DE RAÇA

apartar-nos com horror d'este vicio, infelizmente tam generalisado entre os homens, do qual a custo se acham livres os que se apartam d'estes excessos e demasias. O suberbo é ladrão da gloria devida a Deus, e tam abominavel aos olhos divinos é o seu peccado que é posto á frente dos peccados capitales. A miudê nos lembremos das palavras de S. Paulo: *Que tens que não hajas recebido? Se tudo has recebido e nada tens de ti mesmo, porque te insuberebes?* (1) Escarmente o homem no que aos anjos suberbos aconteceu, não seja que, *inchado de seu orgulho caia na mesma condemnação do diabo,* como nos admoesta S. Paulo na sua primeira Epistola a Timotheo (2). Antes

procuremos se cumpra em cada um aquella formosa sentença de S. Bernardo: *Converta se em remedio dos homens a queda dos anjos, já que para emenda dos mesmos a inspirou Deus ao Escriptor Sagrado: sirva para meu bem o mal do mesmo diabo e purifique eu as minhas mãos no sangue do peccador* (1). «E por que maneira?» perguntareis talvez... Ouvi como prosegue o mesmo melifluo Doutor: *Se assim se houve Deus com os anjos, que serd de mim, que sou terra e cinza? Quem ha que não tolere melhor a suberba no*

rico do que no pobre? Ai de mim! se tam severamente foi punido aquelle Principe da Milicia angelica, por que seu coração se insubereceu, sem que o desculpasse a propensão dos grandes d suberba, que se exigird de mim, que sou um miseravel e um suberbo?

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

(1) I Corint. IV, 7.
(2) I Timot. III, 6.

(1) Repudiatio Angelorum fiat umendatio hominum: scripta est enim ad ipsorum correctionem: cooperetur mihi in bonum etiam diaboli malum, et lavem manus meas in sanguine peccatoris. S. Bern. serm. 54 in Cant.



SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

D4.º

CCIV

P. Gil Anna de la Sante

Fallamos no capitulo antecedente de um jesuita eminente em poesia: são quasi innumeraveis os religiosos da Companhia de Jesus que com successo se occuparam d'este genero de bellas letras.

Com toda a razão diz o sabio e profundo Madrolle que os poetas d'esta engenhosa quanto habil Ordem fizeram obras difficeis e versos notaveis. E, o que se deve notar, as suas poesias são verdadeiramente christãs.

Temos agora mais um homem notavel: é o P. Gil Anna de la Sante, que nasceu na provincia da Bretanha (França), em 1684. Professou bellas letras com distincção no Collegio de Luiz o Grande.

Falleceu este bom e sabio jesuita em 1762, quando na França se conspirava abertamente contra a Ordem, que effectivamente foi expulsa no anno seguinte.

Todos os entendedores em poesia reconhecem a belleza e vivacidade dos versos do P. de la Sante: n'elles se encontra a nobreza de Virgilio e a facilidade de Ovidio.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«O Portugal Jacobino, por Jacintho Fernandes.—Cruz & C.ª, livreiros-editores. Largo do Barão de S. Martinho.—BRAGA. Preço—500 reis.»

Muitos opinam que as expectorações biliosas de Borges Grainha são sem esperanza de melhoramento e desdenham a idéa de procurar-lhes medicina conveniente.

Concios de que naturalmente o mal não tem cura abandonam o pobre infermo, que peiora de dia para dia, e crentes na possibilidade d'um milagre desesperam de que aqui se realice porque o interessado recusa humilhar-se e exclamar constricto: «Senhor, faze que eu veja!»

Apesar d'esta situação desesperada nem todos abandonam o doente e o sr. Jacintho Fernandes, em seu *Portugal*

Jacobino, manifestou sua muita caridade com o mal gravissimo de Borges Grainha. Por de mais conhece que o não cura, mas sendo o mal contagioso, esforça-se por acudir aos visinhos, auxiliando o cordão sanitario em redor d'aquelle foco de peste.

Parabens ao sr. Jacintho Fernandes, que se torna um benemerito da humanidade com o seu formoso volume.

«Anno Christão».—O benemerito editor do «Anno Christão», o sr. Antonio Dourado, do Porto, havia annuciado ha tempos que ia abrir uma nova assignatura, a fasciculos ou a volumes, para esta grandiosa obra.

Podemos hoje dar aos nossos leitores a agradável noticia de que este projecto está já em execução, pois acabamos de receber o 1.º fasciculo.

Do merecimento da obra, nada diremos agora, por ser já sobejamente conhecida e apreciada, e tão apreciada que se tornou necessario abrir para ella uma nova assignatura.

O que temos, pois, a fazer é unicamente dar esta noticia e felicitar aquelles que desejavam adquirir o «Anno Christão» em condições favoraveis.

De resto, parabens ao digno editor.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Musulmano

(Vid. pag. 25)

Éis um habitador de Tyro, de Damasco, ou do Riff. Revolvendo no pensamento as penas ou recompensas da outra vida, descança placidamente com relação ás penas que, só serão eternas para os descrentes de islam: elle, um fanatico de Mahomet, inimigo do vinho generoso e do toucinho, jejuador accerrimo no seu mez de ramadan, assiduo nas cinco vezes diarias da oração com as classicas abluições, se algum tempo, por suas oppressões e latrocínios, ficar privado do paraíso, não terá longo praso sem beber do maravilhoso licor que lhe dará eterno appetite, nem apartado das celestiaes *houris*.

O dizimo de seus bens comprar-lhe-á uma eternidade de sensualidades.

Assim pensa elle, que assim o leva a pensar a falsa doutrina em que o educaram.

Em face da situação individual e social do pobre musulmano, que alta dignidade não pertence ao filho da Igreja catholica, Igreja divina e espiritual por sua origem, seus fins e ineguaiveis poderes? Em posse d'uma doutrina sem erros, d'uns sacramentos que dão vida, d'um elevado destino que se

consegue mediante uns mandamentos perfeittissimos ensinados por Deus mesmo?

Esta só consideração é assás forte para deter o homem no incitamento de sua natureza impensa ao mal e firmal-o a exemplo de Jesus no posto honrosissimo de seu dever.

Aldeia nos Pyrenéos

(Vid. p. 37)

Na pittoresca região dos Pyrenéos assenta airoso a aldeia que a gravura representa. Perto de Otez offerece facil digressão ás grandes florestas, onde a carvalha gigantesca, a faia, o teixo, a *abies saxifolia*, o pinheiro alpestre, o rhododendon e os salgueiros, vegetam sem cultura n'uma pujança assombrosa. Aventurando-te porém a trepar os pincares que lhe ficam proximos ou a entranhar-te no escuro recesso dos selvas, leva olho e ouvido attentos e a clavina prompta, não te vá acaso saltar de improviso o lobo faminto, o urso cinzento.

Lembra-te que n'esta região, todos os naturaes, vigorosos e fortes, reúnem á practica da cultura e pastoreação a indispensavel qualidade de caçador.

O nosso paiz vence em belleza de panoramas á maior parte dos estrangeiros e eguala-se briosamente com os mais formosos do mundo. Não sejam pois estas bellezas as que andemos a procurar por climas longinquos. O em que porém por muito somos vencidos é na arte esmerada com que em tanta parte, na França, na Inglaterra, na Suissa, etc., etc. a mão do homem sabe dar realce aos encantos da natureza.

E não se julgue seja só mercê de grandes dispendios que esta admiravel perfeição é attingida, não. A simples limpeza, a ordem dada aos objectos da officina ou da abegoaria, a correcta disposição dos arvoredos, o rentear apurado das sebes, o marginal contornado dos rios, a graciosa curva das asinhagas, producto de gosto aperfeiçoado e nullo dispendio, tam facil de implantar em nossas provincias, é o que geralmente nos encanta e prende ao vermos novos costumes e novas gentes.

Se d'isto tiveramos um pouco, Portugal, de si tam bem fadado, seria, sem os enfeites de linguagem poetica, um verdadeiro «jardim á beira-mar plantado.»

Entre palmeiras

(Vid. p. 42)

A flora equatorial diverge immenso

da que nos offerecem os nossos valles e as nossas collinas. Se as paizagens da patria nos surprehendem tanta vez com a sua amenidade, as florestas intertropicaes arrebatam-nos com seus tamarindos suberbos, seus bambus flexiveis, seus ebanos formosos, suas mangueiras, seus paus-ferros, suas palmeiras gigantescas, cujos leques moveiços oscillam brandamente ao menor affago da aragem.

A nossos pés e sobre nossas cabeças, diz um celebre viajante, tinhamos ramos direitos, tortos, seccos, glutinosos, subindo verticalmente como a flexa do bambu, ou separando-se horizontalmente como uma trave lançada na passagem d'uma ribeira.

Aqui, folhas quadradas, espinhosas, d'um vermelho carregado; foliolos alongados, d'um verde claro, tombando como a rama flexiveis do chorão. Outras, ponteagudas, esphéricas, denticuladas... Eil-as de todos os matizes, polidas como espelhos, cinzentas, rubras, avelludadas... Classificai-as, se tanto é possível. Tudo se mistura, se aperta, se enlaça, se confunde, e as gigantescas vergontas, correndo vagabundas por entre estes caprichosos labirintos, parecem prender, em seus inextricaveis tecidos, esta vegetação possante, energica, que alastra e occulta o solo, arrostando ha muitos seculos com a violencia do raio e dos furacões.

Aqui não ha espaço para a ave abrir as asas, e quasi que nem passagem para a borboleta nem para a claridade do dia, que vos parece semelhante á pallidez dos raios lunares atravez da neblina do outono.

Aqui, não se ouve ruido, mas sim um d'esses sussurros vagos, duvidosos, prolongados, vindos não se sabe d'onde, causado não se sabe de quê, simultaneamente harmonico e atoador, serpenteando em todos os sentidos, caindo de cima como uma lagrima, subindo do solo como uma esperança, caminhando ora com lentidão, ora rapido como o relampago, e deixando-vos crer n'um inimigo prestes a colher-vos.

Aqui, uma meditação extatica misturada d'um sentimento de terror. Aqui, grandes pensamentos de recolhimento e de religião.

Eis pois na gravura um pequeno quadro das mattas ingentes dos admiraveis climas tropicaes.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



NA madrugada do dia 3 do passado mez falleceu na sua casa de Varzeas d'Alvarenga, concelho de Arouca, tendo 94 annos menos tres dias, o reverendo Fr. Manuel... expulso do Varatojo, conhecido no seculo pelo nome de Padre Manuel Mendes Ribeiro.

Ainda no dia 28 de dezembro celebrou a santa missa.

Foi parochio alguns annos nas freguezias de S. Miguel de Canellas e S. Barnabé de Janarde.

Era um bom theologo, e muito trabalhou, principalmente no confessional, a favor do Apostolado n'este centro.

Seus dignos sobrinhos os Ill.^{mas} Srs. José Mendes do Valle, João Mendes do Valle e Victorino Mendes do Valle, promoveram-lhe honrosas exequias no dia 5.

Para que descanse em paz, pedimos fervorosas orações pela alma do extinto reverendo.

M. P. de P. Madureira.

—Choramos tambem a perda do nosso bom assignante, Francisco Augusto de Barros, de Vianna do Castello, cujo fallecimento deixou inconsolavel uma extremosa Mãe que no filho exemplar e unico via o amparo seguro de seus ultimos dias.

Acompanhamol-a na grande dor que sente e pedimos as orações dos leitores.

D. P.

—O novo anno de 1894 começou, dando um terrivel golpe n'esta população,⁽¹⁾ augmentando a consternação de seus dignos e fervorosos habitantes. Parece estarmos soffrendo as mais duras tribulações que a Providencia, por seus altissimos fins, envia ás vezes ás almas que lhe são mais caras. Dignou-se o Altissimo chamar á sua presença no dia 2 do corrente, um vulto incansavel, espiritalissimo e virtuoso, conhecido como um martello contra a heresia e libertinagem. Só o seu nome causava espanto e terror aos espiritos do seculo. Sim, o nome de um frade, no seculo das luzes, é para encher de espanto e remorso as consciencias depravadas.

—No dia 2, como disse, quando soavam 11 horas e 45 da noite, em doce socego e tranquillidade, deixou este

(1) Ericeira.

desterro, para receber o premio de seus trabalhos e fadigas o Ex.^{mo} Frade de Mafra Rev.^o Frei Vicente de S. Joaquim Rodrigues Costa, conhecido orador sagrado, contando 84 annos de idade.

No dia 3 de dezembro ultimo, a muito custo pôde concluir o Santo Sacrificio da Missa na igreja da Misericordia d'esta villa, de que ha muitos annos era capellão. Foi então levado amparado para casa, aonde a custo pôde chegar. Não pôde mais dizer missa, não obstante os muitos esforços para o conseguir, movido pela falta que fazia ao povo o ficar privado d'essa missa. Ha muito que o seu estado lhe não permittia nem devia sair; pois que padecia muito ha já alguns annos, e tendo de tempos a tempos doencas mui graves. Seus desejos porém eram trabalhar constantemente na vinha do Senhor, do que tinha feito voto. No dia 2 de janeiro, dia de sua morte, quando iam saber de sua saude, recebiam noticia que o doente estava melhor, cuja noticia enchia de satisfação ao povo d'esta villa, e no dia 3 correu a dolorosa noticia de sua morte!! No dia 4 leve logar o funeral, havendo officio e missa de corpo presente, saindo em seguida o cortejo funebre para o cemiterio onde houve officio de sepultura.

O cortejo funebre foi muito concorrido, saindo todas as irmandades, a orchestra d'esta villa tocando a marcha funebre, e grande affluencia de povo, homens, mulheres e crianças, que iam render a ultima homenagem ao sacerdote acredor das sympathias dos Ericeirenses, que lhe são devedores de grandes melhoramentos do culto catholico n'esta villa, em que era o primeiro a concorrer para o desinvolvimento das solemnidades a que contribuia quanto cabia em suas forças. Muitos são os pobres que soccorria, e sem numero os conselhos que com muita illustração e virtudes dava aos fleis que para descargo de consciencia a elle se dirigiam, achando-o sempre prompto para utilidade do proximo. Quando a campa escondeu aos olhos dos assistentes o venerando cadaver, as lagrimas corriam dos olhos de muitos.

Não é meu intento escrever a biographia do grande vulto que a Ericeira acaba de perder, que nem ha em mim sciencia que possa enumerar suas virtudes e avaliar seu grande prestimo; muito feliz seria porém se esta simples e ingenua resenha servisse de edificação ao clero portuguez e a todos que se acharem engolphados no esquecimento dos preceitos do evangelho. O Rev.^o Frei Vicente de S. Joaquim Rodrigues Costa, nasceu em Lisboa, onde as suas aspirações o chamaram á vida

monastica, recebendo na grandiosa basilica de Mafra o santo habito e professando na ordem do seraphico S. Francisco d'Assis, prégando o primeiro sermão no dia da Immaculada Conceição, por quem tinha particular devoção, e prometendo defender, quanto coubesse em suas forças, um privilegio que lhe era tão caro. Em 1834 quando a revolução veio expulsar dos claustros os virtuosos propagadores da fé, quem desconhece a mortandade dos frades de Mafra.

Com inaudito sacrificio se escondem alguns á bruta perseguição: o Rev.º sacerdote, fugindo, refugiou-se na Ericeira, sendo recolhido por uma piedosa familia, por já conhecer esta villa.

Aqui se conservou d'onde por vezes saiu, pela sua vocação para o pulpito, onde a sua presença agradável e seu aspecto grave captivava todos os corações. A sua doutrina eloquente e arrebatadora dera-lhe as honras de primeiro orador da epocha. A sua oração atacava sempre a impiedade sem temor e por essa razão lhe tinham odio alguns inimigos da Igreja.

O que lhe inportava porém a impiedade, se elle só prégava a verdade da nossa santa Religião, defendendo-a de seus inimigos?

Quando em 1854 foi proclamado o dogma da Immaculada Conceição, foram grandes em Lisboa os festejos á Virgem, e o Rev.º Frei Vicente fôra sempre procurado para elogiar com a sua eloquencia arrebatadora a Virgem sem macula, chegando alguns dias a prégar 8 ou 10 sermões, sendo motivo para o maior triumpho que conseguiu na tribuna sagrada, como primeiro orador.

Foi bastante conhecido o seu nome, em muitas provincias que o procuravam atrahindo-as a fama do seu nome. Em Santarem esteve algum tempo, onde serviços o retinham no Seminario. E quando, mais cansado de tantos trabalhos em favor da Igreja, veio fixar a sua residencia na Ericeira, não saia senão pelos arredores a prégar, nas solemnidades religiosas e nos cultos que tinham lugar n'esta villa. Pela Semana Santa, n'esta villa, subindo ao pulpito a prégar da morte de Jesus, ficava suffocado em lagrimas, commovendo profundamente os assistentes.

Foi tambem juiz do SS. Sacramento, elevando os cultos da Semana Santa ao maior esplendor, e ha annos indo-se a deixar de fazer por falta de juiz, foi o Rev.º sacerdote que em pranto pediu ao povo que o ajudasse com esmolas, fazendo vêr a tristeza do templo ao estar fechada em tão santos dias, fazendo que se abrisse muito decentemente e até com esplendor.

Do Apostolado da Oração, aqui instituido em 1871, foi o presidente, contribuindo bastante para o seu desenvolvimento, prégando as praticas mensaes em quanto pôde, sendo o primeiro sempre a dar exemplo com os seus esforços desinteressados.

Na grande solemnidade do mez de Maria de 1892 (cuja noticia o «Progresso Catholico» escreveu em suas columnas) sob impulso do nosso tão querido pastor o Rev.º Padre Oliveira, vendo festividade tão imponente e arrebatadora sem haver sermão por escassez de esmolas, commoveu-se a ponto de que, já sem forças, ainda foi ao pulpito tecer elogios á Virgem. O Rev.º sacerdote a quem, graças a seu incançavel trabalho apostolico, a religião muito se desinvolveu n'este humilde cantinho tão seu querido, sentia grande e summa alegria a transbordar-lhe na alma, ao fim da sua vida deixar esta população tão querida, entregue ao zelo de um pastor tão digno e querido, o Rev.º Padre Jorge d'Oliveira, a cuja sombra vira florescer mais e mais a vinha do Senhor, sendo causa de fluar-se de desgosto os ultimos dias de uma existencia tão preciosa a retirada de tão angelico sacerdote, a meu ver, por baixas intrigas de que foi victima como um martyr, e assim triumphar as astucias de Satanaz.

O Rev.º Frei Vicente, perdendo logo o appetite, adoeceu, e nos dias de melhoras tanto o commoveu e amargurou o esfriamento de ovelhas tão fieis que do rebanho se desgarraram, vendo-se elle sem forças para recommençar os trabalhos apostolicos, o que influiu para um fatal desenlace, dando motivo a acabar tambem martyr do veneno da mesma calumnia.

Hoje, á sombra da campa fria e humida, descansam em paz os restos mortaes de um infatigavel apostolo, que honrou a Igreja. Aos nossos leitores pedimos uma préce por alma de tão illustre ornamento. E no céo onde creio que está rogue ao Eterno pela minha patria, a infeliz e desgraçada Ericeira. E já que na terra tanto pediu nos enviasse novamente o nosso querido pastor para outra vez voltarmos á paz desejada, não esqueça juncto do Altíssimo essa humilde supplica, e não esquecendo tambem quem para honra de Deus escreve estas linhas.

Ericeira, 6—1—94.

Um leitor.

Peregrinação a Jerusalem

Na peregrinação, que na proxima primavera sai de Marselha para a Terra Sancta, deseja tomar parte um sacerdote do Alto Minho. Convem-lhe porém

algun companheiro de Portugal. Havendo alguém com eguaes intentos, digue-se escrever a esta redacção com a possivel brevidade.

RETROSPECTO

Meu caro Fructuoso.

Peço-lhe a fineza de publicar no proximo *Retrospecto* da sua bem conceituada revista a carta abaixo transcripta e que n'esta mesma data envio ao snr. Conego Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, de Braga.

Desde já me confesso agradecido e sempre

(Guimarães, 12-2-94.

am.º e menor cr.º

att.º e v.º

P.º J. A. R. Junior.

Ex.º SNR.

Mão caridosa e amiga apresentou-me o n.º 118 do jornal «O Progressista», de Braga, em cujas columnas V. Ex.º desembêsta furiosamente, malcreadamente, contra mim, porque usei escrever no «Progresso Catholico», de 1 do janeiro, do anno corrente, algumas palavras de reprovação e de protesto contra os ataques, que V. Ex.º, ha mezes, vem dirigindo ao nosso venerando prelado.

Se eu attendera tam sómente á forma por que V. Ex.º se refere á minha humilde individualidade, não lhe daria resposta, porque aquillo é tam porco, tam réles, tam abaixo do nivel, em que deve manter-se uma pessoa de boa educação, que não podia ter melhor e mais adequado correctivo do que o desprezo.

V. Ex.º veio confirmar com este seu miseravel arauzel o que eu já tinha escripto no alludido n.º do «Progresso Catholico», quando affirmei que V. Ex.º não tinha a comprehensão dos seus deveres sacerdotaes.

De feito, se a tivera, não usaria os insultos grosseiros, que me dirige, porque havia de lembrar-se que, embora eu fosse ignorante, adulator, parlapatão e o mais que V. Ex.º me chama, era um padre e, como tal, exornado d'um caracter sagrado, que sendo uma cousa respeitabilissima, devia obstar ás suas emporcalhadas diatribes.

Discutiria, sim, o que eu escrevi, mas não me cobriria de epithetos affrontosos.

V. Ex.º, porém, dá o que pôde, o que lhe está nos habitos, e eu, com sinceridade e com magua o digo, reconheço que não lhe posso exigir mais.

Mas V. Ex.º não se limitou a insultar-me grosseiramente: calumniou-me, pois me attribue doutrinas, que eu não expendi.

Quando eu affirmei que «um padre

nunca tem rasão de levantar-se contra o seu prelado, embora este o tenha aggravado», não quiz insinuar que ao padre injustamente aggravado pelo seu bispo não restava outro procedimento senão o remetter-se ao silencio e soffrer resignadamente. Não. O que eu quiz, e quero ainda, pôr bem em evidencia, é que o padre, embora offendido pelo seu prelado, nunca deve, nem pôde, procurar um desaggravo pela forma por que V. Ex.^a o tem feito, vindo para a praça publica expor as suas queixas regateiramente, com enxovalho da autoridade prelatia e da dignidade propria.

Se outra fôra a minha intenção, não alludiria ao escandalo, que um tal proceder provoca sempre na Igreja, (e que V. Ex.^a, em que lhe peze, tem, infelizmente, levado aos ultimos extremos) porque nada provaria no caso de que se tracta. Nem eu podia, sob pena de faltar ás regras da critica desapaixoadada, apreciar devidamente o procedimento incorrecto de V. Ex.^a, senão tomando-o nas condições de escandalosa notoriedade, que V. Ex.^a lhe tem dado.

Já vê, pois, V. Ex.^a que não foi o espirito adulator o que me levou a escrever aquellas palavras, que tanto irritaram os nervos a V. Ex.^a. Mercê de Deus, tenho a independencia bastante para não bajular personalidades por mais elevadas que sejam na hierarquia social, e nunca subi os degraus do paço para solicitar favores pessoases, porque ainda acredito que, se lá tiver pretensões, só se me fará justiça.

N'isto, ex.^{mo} dr., (deixe-me dizer-lh'o aqui á puridade) levo vantagem a muitos... que, tendo-os recebido em larga escala, os esquecem todos, logo que se tracta de tirar a desforra de imaginarios aggravos.

Uns... ingratos, não acha V. Ex.^a. Esclarecido assim o meu pensamento, (que não precisava de o ser, se V. Ex.^a, proposadamente, o não tivera embrulhado) dispenso-me de rebater os argumentos com que V. Ex.^a se propoz pulverizar a minha supposta doutrina.

Que vergonha, ex.^{mo} snr., que miseranda vergonha para um professor de sciencias ecclesiasticas vir a publico com razões taes, que podem aferir-se pelas de cabo d'esquadra!

Pois, que paridade ha entre o procedimento d'um padre, que vem para a imprensa exautorar o seu prelado, apresentando-o como homem injusto e inepto, e o de S. Paulo, traçando, em suas admiraveis epistolas *ad Timotheum* e *ad Titum*, a norma de proceder dos bispos, a conducta de vida que deviam ter para modelo e edificacão dos fieis?

Porventura S. Paulo censurava os desmandos de Timotheo e fallava-lhe como subdito a seu prelado?

Dar-se-ia que tambem S. Paulo tivesse sido injustamente aggravado por Timotheo?

V. Ex.^a, por força, estava mangando com as tropas, quando citou aquella passagem do Apostolo, bem como as cartas de S. Bernardo ao Papa Eugenio e o mesmo exemplo de J. Christo, quando exproboou aos verdugos a crueldade e a injustiça com que o tratavam.

Na verdade, ex.^{mo} snr., o exemplo de J. Christo, que se queixava dos seus verdugos, vem mui a proposito para dar razão a V. Ex.^a contra o Snr. Arcebispo, que tem sido para V. Ex.^a um verdadeiro verdugo, pois, apezar de tudo, o consente ainda na regencia d'uma cadeira do seu seminario, onde V. Ex.^a devia ser modelo de respeito e de obediencia ao seu prelado, e, pelo contrario, se apresenta como o tipo da mais escandalosa rebeldia.

Risum teneatis, direi eu agora. V. Ex.^a, julgando ser logico, foi apenas ridiculo, soberanamente ridiculo.

Procedendo com igual criterio não seria difficil provar, com aquelles mesmos argumentos, que V. Ex.^a é, por exemplo, um grandissimo ôdre, se alguem se propozesse fazer essa estranha demonstração.

Olhe, ex.^{mo} snr., o que aquellas passagens de S. Paulo dão a entender é que o Apostolo estava vendo atravez dos seculos os actos de rebeldia e desobediencia, de que haviam de ser victimas os bispos, e, por isso, quiz prevenir os remedios para os evitar e para confundir os que, dominados pelo demonio do orgulho, se tornassem pedra d'escandalo para os subditos fieis e respeitosos.

Como esta já vai longa e sei que nada aproveitarei, com as minhas considerações, em ordem ao seu procedimento futuro, vou terminar assegurando a V. Ex.^a a minha profunda admiracão pelos seus conhecimentos litterarios, que têm feito a admiracão de quantos leram os seus *bellos escriptos* exarados no «Progressista». Quem assim escreve, apanha immortalidade com toda a certeza e tem autoridade que farte para dar leis no mundo dos nefelibatas.

Guimarães, 10—2—94.

Da V. Ex.^a
menor cr.^o att.^o e v.^o
P.^o J. A. R. Junior.

* *

Um Jesuita.—Com longa vida uberrima de boas obras deu o espirito a Deus! Firme até ao dia 26 de novembro ultimo, movido como de presentimento, despediu-se das Filhas de Maria, de quem era director, mandando-as ajoelhar para a todas conceder sua bençãõ, «porque as não tornaria mais a ver». Recolheu-se então a seus aposen-

tos, onde esteve mal por uns quinze dias, até que no dia 16 de dezembro se levantou já convalescente. N'esse dia, ás oito e meia, tomou chocolate e um copo de leite, dizendo ao Irmão enfermeiro que se sentia bem e ia resar *menores*.

Porém, ás dez era cadaver!...

O enfermeiro foi buscar-lhe um calorifero para os pés e quando voltou, viu o benemerito padre estendido no chão sem conhecimento e sem fala, com meio corpo fora da cortina do leito. Sentindo-se mal, quiz decerto recostar-se no leito e caiu para traz sem poder suster-se. Levantaram-no, e despedido elle por si mesmo foi recolhido ao leito, começando a queixar-se de dores violentas no ventre, que, no dizer d'elle, o iam matar. Chegou n'est'hora o Reitor, que o animou a pôr sua confiança na Sancta Virgem por quem tanto havia trabalhado.

Reconciliou-se n'essa occasião, após o que chegou o medico que ordenou fosse immediatamente unguido com a formula commum mais breve, pois o padre ia já expirar. Assim se fez com pleno conhecimento do inferno, até que no momento de lhe ungirem os ouvidos soltou o derradeiro alento!

Poucos dias antes havia feito seus exercicios e regulado seus trabalhos na «associação dos operarios», regida por sua direcção.

O jesuita era um sancto, como tantos ha n'aquella heroica legião dos exercitos da Igreja.

Revistido com as vestes sacerdotaes, foi exposto, e começaram a sentir os que rodeavam o cadaver um suave odor, principalmente nas mãos, cuja origem não sabiam explicar.

Foi muito o povo que affluu a prestar suas homenagens áquellas reliquias de amigo e a prantear a irreparavel perda então soffrida. O interro foi como não costumam ser os dos bispos, dos generaes, ou outras pessoas de elevada gerarchia. Todos, sem excepção, queriam conduzir o corpo, e para satisfazer os desejos de tantos cavalheiros distinctos, cathedricos da Universidade, altos funcionarios civis, houve que revezarem-se muitas vezes. Mais de cem sacerdotes assistiram ao acompanhamento, com grandissimo numero de pessoas a quem confessava, collegios, congregações, etc. Tocavam á porfia no venerando cadaver rosarios, terços, medalhas, lenços, vestidos..., e antes de baixado á sepultura cortaram-lhe o cabello e a batina para dividir em pedaços como reliquia.

Estas demonstrações, ainda que tam extraordinarias, explicam-se pelo muitissimo que havia trabalhado o Padre em desoito annos com as associações das Filhas de Maria, Apostolado da

Oração, centros de operarios, associações de S. Luiz, conventos de Religiosas, collegios, e no confessorio, confessando o que havia de mais distincto na cidade. Tinha especial tino practico para levar a bom termo as obras que emprehendia, e um tracto summamente agradável e singello, sendo ao mesmo tempo desprendido de todas as coisas do mundo.

Deixou admiravelmente instaurado um centro operario, com boas escolhas da infancia, excellentes mestres, uma juncta directiva em que figuram lentes da Universidade, com bons medicos e pharmacias gratuitas, sustentadas pelo centro.

Eis um glorioso jesuita, o sabio e virtuosissimo Padre Colina, fallecido a 16 de dezembro ultimo, na cidade de Valhadolid, (Hespanha) campo de suas batalhas em favor do bem, cuja memoria ficará indelevel no coração de tantos a quem firmou no caminho da virtude, a quem salvou do peccado e do erro, de tantos a quem cedeu amparo e amparo duradouro nos riquissimos thesouros de sua alma de apostolo.

Portugal tem em si tambem jesuitas de espirito e coração egualmente magnanimos como o do Padre Colina, que muito, muitissimo não feito para soerguer a nossa patria ao honroso nivel moral que lhe pertence, pois adextra a os equal escolha, inflamma-os equal amor, e illumina-os equal doutrina.

O que falta pois para que entre nós floresçam e fructifiquem obras de tanto alcance social e espirital como as que admiramos na visinha Hespanha? Falta sómente que os ajudemos como lá os ajudam. Vemol-os em sacrificios enormes, acompanhemosol-os n'esses sacrificios e a nossa patria se mudará.

A causa é de todos; urge o trabalho de todos para que ella triumphhe.

Jesuitas como o Padre Colina não nos faltam cá: haveria porém algum cathedratico universitario a nobilitar com o seu nome uma instituição jesuitica? Talvez não.

E' que ainda nos importa subir mais. Pois subamos, subamos. E' tempo de

por uma vez pôr de lado a cobardia, o mêdo (quem sabe?) aos estupidos, aos inexplicaveis respeitos humanos, esses damnados respeitos que foram a ruina de Pilatos, e ainda hoje aqui (e mais partes) perdem a tantos, que sem elles se honrariam a si dando gosto aos que elles mais amam.

Fevereiro—12.

D.

Secção administrativa

DO PROGRESSO CATHOLICO.

719—Agradeço a boa vontade de V. Ex.^a em querer obter-nos muitos assignantes: O que nos vale é haver muitos que nos augmentam as assignaturas, dedicando-se a trabalhar para o bem. D'este modo compensam os frouxos que retiram para assignar os jornaes impios, como o *Janeiro*, o *Diario de Noticias* e outros de equal jaez, sem se lembrarem que assim fazem bom serviço a Satanaz, que de certo lhes ha de pagar como costuma. Venham pois os bons em nosso auxilio e viva Deus!

S.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

ANNUNCIOS

A PERFDIA DO DEMAGOGO

(SCENAS DA PRIMEIRA REVOLUÇÃO FRANCEZA)

Um formoso volume de 300 paginas

Em brochura..... 300 reis
Encadernado..... 400 »

AS BEMAVENTURANÇAS

OU A SCIENCIA DA FELICIDADE

Preço..... 200 reis

A' venda na administração do «Progresso Catholico».

ANNO CHRISTÃO

OU

EXERCICIOS DEVOTOS PARA TODOS OS DIAS DO ANNO

PELO

P.^o JOÃO CROISSET

Da Companhia de Jesus

Approvado e recommendado por todos os Ex.^{mos} Prelados Portuguezes

A obra consta de cinco volumes distribuida semanalmente, em fasciculos de 40 paginas de texto em quarto a duas columnas e seis estampas impressas separadamente. Preço de cada fasciculo 100 reis, para as provincias franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se pelo correio os competentes recibos.

As pessoas que desejarem receber mais que um fasciculo semanal, volume ou a obra completa poderão assim requisital-o ao editor que promptamente fará as remessas que lhe forem feitas.

Será entregue um exemplar gratis a quem angariar dez assignaturas e se responsabilise pelo seu integral pagamento.

Accoitam-se correspondentes em todas as terras onde os não ha, dando referencias n'esta cidade, abonando-se a comissão do costume.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, em casa dos nossos estimaveis correspondentes, e no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade n.º 165—Porto.

Deposito em Lisboa—Agencia Universal de Publicações, rua dos Retrozeiros, 75-1.º

CARTAS ENCYCLICAS

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

AOS

Patriarchas, Primases, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico

DOIS VOLUMES

PREÇO..... 1000 REIS

Pedidos ao editor, José Fructuoso da Fonseca—72, Rua da Picaria, 74—Porto.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou melo anno.

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a

Mannel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.